PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: EXPERIÊNCIAS DO PIBID EM UMA ESCOLA MUNICIPAL.

Natalia Ernesto Ca [1], Sónia Maria Ramos Gonçalves [2], Ariana Laís da Silva [3], Julimar Lima Alves dos Reis [4], Carla Verônica Albuquerque Almeida [5]

RESUMO

Este trabalho alia pesquisa e experiência em campo em uma Escola Municipal de São Francisco do Conde-BA. Tem como objetivo, refletir sobre as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas em uma Escola Municipal de São Francisco do Conde – BA, que atende a estudantes do Ensino Fundamental e as experiências interventivas aplicadas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, subprojeto Pedagogia/Letras, campus dos Malês. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa descritiva, apoiada na investigação bibliográfica, utilizando a observação e a entrevista semiestruturada como técnicas de coleta de dados. Através das observações e entrevistas com três professoras, depreende-se que a escola realiza um trabalho específico com as crianças com deficiência e as que apresentam dificuldades de aprendizagem. Sinaliza as dificuldades encontradas diante do processo de inclusão dessas crianças em turmas regulares. A experiência tem possibilitado aos bolsistas, reflexões sobre o papel do professor iniciante frente a inclusão, assim como pensar estratégias metodológicas e atividades que contemplem e incluam de fato os alunos(as) deficientes e os(as) que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave:

Educação Inclusiva. Pibid. Ensino Fundamental.

[1] Unilab, Malês, Discente, e-mail: canatalia92@hotmail.com
[2] Unilab, Malês, Discente, e-mail: soniamada91@hotmail.com
[3] Unilab, Malês, Discente, e-mail: aryanalsilva@gmail.com
[4] Arlete Magalhães, Secretaria da Educação de São Francisco de Conde, Docente, e-mail: julimarlima@hotmail.com
[5] Unilab, Malês, Docente, e-mail: carlaalmeida@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com deficiências no cenário da educação, constitui-se como um dos desafios da escola em diversos aspectos, seja de ordem física, relacional e pedagógica, o que reverbera na sua estrutura e no seu funcionamento. E nesse sentido, alteram e diversificam a dinâmica, bem como as relações existentes na escola, implicando em novas práticas de ensinar e de se relacionar frente à realidade e/ou dificuldades existentes.

É nesse contexto que este texto se insere, com o objetivo de refletir sobre as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas em uma Escola Municipal de São Francisco do Conde – BA, que atende a estudantes do Ensino Fundamental e as experiências interventivas aplicadas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. O referido programa é uma iniciativa do Governo Federal, que visa aproximar os alunos de licenciatura da realidade escolar, possibilitando vivências iniciais a futura docência e consequentemente a formação acadêmica/profissional dos bolsistas.

Neto et al (2018), afirmam que a Educação Inclusiva tem por proposta a educação de todos os alunos juntos, deixando-os aptos para o convívio em sociedade a partir da escola. Isto é, uma escola integrada na inclusão, deve "colocar as crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade, na construção de um mundo melhor" (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 233). Diante deste desafio, faz-se importante pensar a formação dos professores, contribuindo para mudanças necessárias exigidas pela educação inclusiva.

Segundo os dados do Censo Escolar da Educação Básica (INEP/2018), o Brasil tem conseguido aumentar a inclusão de alunos com deficiência no sistema de ensino. O índice apresenta crescimento no período de 2014 a 2018, em classes regulares, passando de 87,1% em 2014 para 92,19% em 2018. Entretanto, a maior parte dos alunos com deficiência, não tem acesso ao atendimento educacional especializado e apenas 40,1% dos alunos conseguem ter este atendimento especializado.

A escola e seus atores envolvidos devem se adequar as necessidades dos alunos deficientes, desenvolvendo estratégias que combatam os preconceitos, discriminações e valorizem as diferenças. Nesse sentido, os bolsistas do PIBID, buscam a partir do Subprojeto Interdisciplinar Pedagogia/Letras Educação, Linguagens, práticas pedagógicas: um outro olhar para as identidades étnico-raciais, desenvolver atividades diferenciadas que contemplem todos os alunos, fazendo com que todos participem, considerando sempre suas possibilidades em busca da aprendizagem.

METODOLOGIA

O presente trabalho de natureza qualitativa descritiva, apoia-se pela investigação bibliográfica, como forma de fundamentar a pesquisa e utiliza a observação e a entrevista semiestruturada como técnicas de coleta de dados. A entrevista foi realizada com duas professoras pedagogas que trabalham com educação especial na instituição. Já a observação, possibilitou as bolsistas, o contato direto com as crianças pertencentes as turmas do 1º e 3º ano do Ensino Fundamental, o que foi fundamental para o planejamento das atividades desenvolvidas com as crianças deficientes, na perspectiva da inclusão.

A escola campo do PIBID é uma instituição de Ensino Fundamental que funciona no período integral e está localizada no município de São Francisco de Conde - Bahia, o qual segundo estatísticas, possui uma população que está estimada em 39.838 habitantes no ano de 2018, sendo na sua maioria negra. A instituição trabalha na perspectiva da inclusão dos alunos que de alguma forma foram excluídos pela sociedade por apresentarem algumas características específicas, pelas quais são chamados de deficientes (ou de alunos

especiais), e para isso, precisam de uma educação que atenda as especificidades de cada um, dependo do seu problema, fomentando a inclusão desses, no espaço escolar e social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola campo possui dependências adequadas para acolher os alunos com deficiências: banheiro e salas específicas para atendê-los, bem como profissionais especializados. Para além do público interno, as profissionais também realizam atendimento dos alunos externos com deficiência, oriundos de diferentes escolas da rede municipal, devido à falta de infraestrutura e profissionais especializados, nestas instituições.

As profissionais especialistas trabalham em colaboração com as professoras pedagogas e professoras(es) de áreas específicas (música, dança, artes e teatro) na elaboração do planejamento, seleção dos conteúdos e métodos a serem aplicados com esse público específico, de acordo com a condição de cada um. “É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola, de modo a garantir um bom nível de educação para todos (BRASIL, 1994, p. 12).

A escola tem recebido alunos com deficiências desde seu funcionamento em 2013 e, de lá pra cá, esse público tem aumentado consideravelmente. Atualmente, conta com uma média de 42 alunos que apresentam algum tipo de deficiência, sendo que 30 alunos apresentam deficiências de aprendizagem e são atendidos pela Professora de Educação Especial, a qual trabalha com a base alfabética, adotando vários métodos para cada aluno especificamente, por meio de um trabalho voltado as dificuldades de alfabetização. E os outros 12 alunos, recebem atendimento com a Professora de Educação Inclusiva, em sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), trabalhando com atividades voltadas as crianças com deficiência motora e intelectual.

Em seu relato, a Professora de Educação Inclusiva, afirma que “o maior índice da deficiência na escola, advém de crianças com Encefalopatia crônica não progressiva na primeira infância que é a paralisia cerebral, porém, com graus diferentes”. Um desafio para a docente que busca a partir dos projetos de sala de recursos e das práticas pedagógicas, trabalhar o letramento funcional baseado no estímulo sensorial dos cinco sentidos. Para a professora, é necessário “o estímulo do tato, da visão, da audição, do paladar e do olfato, assim como do refletir, do indagar a resposta, o trabalho com o ponto de vista dos alunos a partir de suas especificidades”. Atividades e ações fundamentais que estimulam a percepção e participação dos alunos.

As crianças que não tem a encefalopatia, tem espectro autista, deficiências intelectuais e/ou transtornos cognitivos. Estas são acompanhados pela psicopedagoga, que realiza um trabalho com técnicas de letramento funcional baseado no estímulo sensorial. Atualmente a escola conta com cerca de dez crianças que ainda estão no processo de investigação da deficiência, pois nem todos chegam com o laudo médico.

A professora da Educação Especial trabalha já com cerca de 30 alunos internos, para além das crianças oriundas de outras escolas. Os quais apresentam problemas de aprendizagem, esquecimento, déficit de atenção, etc; e neste contexto, seu trabalho é voltado as atividades de alfabetização com esses alunos. Os que ela vê que não conseguem desenvolver ou apresentar uma interação, são enviados para o Programa de Atenção e Acompanhamento Pedagógico e Psicossocial a Estudantes (PROAP), o qual realiza o diagnóstico da criança e encaminha para um profissional específico acompanhar.

Segundo relata a Professora de Educação Especial, “o que é aconselhado é mudar as atividades, reduzir o máximo de conteúdo ministrado pelas professoras pedagogas, dependendo das condições do alunado. Mas o conteúdo continua o mesmo de outras crianças sem deficiência, já que nem todos conseguem ficar o período integral". E prossegue afirmando que "alguns alunos ficam somente duas horas por dia, outros não vão para escola todos os dias tendo em conta os atendimentos médicos desses alunos: no hospital, no PROAP ou em clínicas em Salvador”.

As professoras pedagogas das turmas, apresentam dificuldades em trabalhar com crianças especiais, dependendo da situação de cada criança. No entanto, trabalham sempre em colaboração com as profissionais da área, em relação às atividades. O conteúdo é o mesmo com a turma, mas, no caso específico de uma aluna do 3º ano do Ensino Fundamental, uma das professoras relata: "trago o conteúdo através das imagens coloridas, os quais ela faz associação das imagens as coisas: (escola, sala, professora, apoio da sala, lua, sol etc)". Já no caso de outro aluno, com paralisia cerebral, a professora encontra mais dificuldade de trabalhar pois, segundo ela, "a situação desse aluno é mais complicada, o que requer a aplicação de atividades de percepção, coisas para ele pegar sentir na mão, trabalhando a competência motora também" (Professora Pedagoga). Nesse sentido, o trabalho torna-se complicado em função do pouco tempo das professoras para explorar todos os conteúdos das aulas.

Diante deste contexto, as atividades dos/as bolsistas do PIBID se voltaram a observação e a coparticipação, o que limitou o maior contacto com os alunos. Uma das atividades que contou com a participação dos/as bolsistas foi desenvolvida com as professoras de educação especial e de educação inclusiva. Atividade alusiva ao "Mês da Acessibilidade e da Inclusão" realizada na escola com os alunos internos no mês de setembro de 2018. Os bolsistas deram suporte as professoras, servindo de guias para os alunos/as, que com os olhos vendados, tentavam descobrir as coisas através dos cinco sentidos, ou seja, através do som, cheiro, toque, sabor etc.

Posteriormente, ao estarem mais familiarizados com os alunos de inclusão, os/as bolsistas desenvolveram atividades baseadas na contação de histórias infantis; a partir da escolha de livros com temáticas que abordavam conteúdos adequados não apenas a faixa etária das crianças, mas que envolvessem a questão da diversidade. Seguida da contação de histórias, eram exploradas várias questões do texto em uma roda de conversa.

Apesar das turmas terem alunos/as com deficiência, os quais têm atividades diferenciadas, isso possibilitou perceber que estes alunos não se sentem diferentes das outras crianças, uma vez que querem fazer as mesmas atividades, e participarem das mesmas brincadeiras. Assim, a professora sempre entrega para ele as atividades iguais as da turma.

Por fim, a escola conta também com a parceria da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-SFC), realizada no mês de setembro, período dedicado a acessibilidade. Assim, neste mês é realizada uma exposição dos trabalhos desenvolvidos e as produções das crianças. Tal ação, embora seja pontual, possibilita a comunidade escolar reflexões sobre o direito à diferença e respeito mútuo, promovendo a consciência de que os alunos deficientes devem ser tratados igualmente, sendo incluídos nas suas brincadeiras e trabalhos, sempre com bom senso e acolhimento a todos, frente a diversidade. Cabe salientar que a Instituição Escolar vem trabalhando de acordo com as orientações da Secretaria Municipal de Educação, com vistas a revisão do currículo, o qual atenda de forma mais específica a demanda da inclusão.

CONCLUSÕES

A experiência do PIBID na escola, possibilitou perceber que a relação dos alunos com aqueles que têm deficiências física/motora sobretudo, é uma relação baseada no cuidado e acolhimento. Ainda que alguns comportamentos por vezes evidenciados nesta relação, sejam ofensivos, a escola trabalha com a conscientização da diversidade, com ações e atividades que possibilitam o repensar das atitudes preconceituosas para com os deficientes. O trabalho específico realizado pela equipe pedagógica, na Instituição pesquisada, busca atender e desenvolver atividades pedagógicas que estimulam e possibilitam aos alunos(as) deficientes e aos que apresentam dificuldades de aprendizagem, um processo de aprendizagem com vistas a inclusão.

A experiência com um trabalho voltado a inclusão, tem possibilitado ainda, aos bolsistas, reflexões sobre o papel do professor iniciante frente a este desafio, assim como pensar estratégias metodológicas e atividades que contemplem e incluam de fatos os alunos deficientes e os que apresentam dificuldades de aprendizagem. Por fim, é importante salientar que a escola contribui para com outras escolas municipais, atendendo crianças deficientes; o que é visto como uma atitude positiva pela comunidade. Além de chamar atenção da gestão municipal, quanto a necessidade de adequação das demais escolas do município, para que possam atender a este público e desenvolver um trabalho efetivo de inclusão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por sua agência enquanto fomentadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), implementado no campus dos Malês. Agradecemos às professoras, profissionais municipais, que se dispuseram a concederem as entrevistas que agregaram riqueza neste trabalho construído por muitas mãos. Agradecemos à UNILAB, na pessoa do campus dos Malês pelo evento Semana Universitária, que movimenta este espaço e nos possibilita a exposição e o compartilhamento das ações sobretudo do corpo estudantil. Agradecemos às crianças (alunas e alunos) da escola que acompanhamos, por todos os aprendizados que fogem aos espaços acadêmicos e que estão no âmbito da experiência, nos inspirando a sermos pessoas mais sensíveis e mais seguras que outrora.

REFERÊNCIAS

NETO, Antenor de Oliveira Silva et al. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60, p. 81-92,| jan./mar. 2018.

ROCHA, Artur Batista de Oliveira. O papel do professor na educação inclusiva. **Ensaios Pedagógicos**, v.7, n. 2, jul/dez. 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular.** Rio de janeiro: Objetiva, 2012.

O GLOBO. Aumenta inclusão de alunos com deficiência, mas escolas não têm estrutura para recebê-los. 2018. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/aumenta-inclusao-de-alunos-com-deficiencia-mas-escolas-nao-tem-estrutura-para-recebe-los-22348736. Acesso: 10/09/2019.